

A LINGUAGEM EM USO

Um cotejo entre noções de interseção em Wittgenstein, Vossler e Bakhtin

Valmir Nunes Costa

RESUMO

Neste artigo, faremos um cotejo entre noções de interseção em Wittgenstein, Vossler e Bakhtin abordando sua anuência, separação ou indiferença relativa à linguística imanentista. É abordada aqui a questão da maior ou menor aproximação dos autores em foco relativamente à linguística estrutural, tal com é definida por Saussure. Este artigo também defende a tese de que Bakhtin não negou a importância da linguística da língua; não foi opositor radical, como querem alguns teóricos. A mesma tese está presente em diversos autores, como Faraco (2003), Flores & Teixeira (2005), entre outros. Wittgenstein e Vossler também têm semelhanças com Bakhtin no que tange uma inovação no tratamento da linguagem em relação à linguística saussuriana, sem, no entanto, tornarem-se radicais opositores a essa linguística. Um cotejo entre os três autores tem a vantagem de elucidar pontos teóricos de interseção relevantes para a linguística, ao tempo em que articula pontos de vista diferentes sem necessariamente torná-los mutuamente opositivos.

Palavras-chave: língua, imanência, exterior, sujeito, enunciação

ABSTRACT

The issue of greater or lesser approximation of the authors focus in relation to structural linguistics, which is linked to the abstract language, as is defined by Saussure, is addressed here. In this article we will make a comparison between notions of intersection in Wittgenstein, Bakhtin and Vossler and addressing reasons for these authors to defend their consent, separation or indifference on the immanentism linguistics. This article also supports the theory that Bakhtin did not deny the importance of the linguistic of the language (term of the saussurian dichotomy language / speech), that means he was not as radical opponent as wanted some theorists. The same argument is present in many authors, like Faraco (2003), Flores & Teixeira (2005), among others. Wittgenstein and Vossler also have similarities with Bakhtin relatively to a radical innovation in the treatment of language in relation to saussurian linguistic. A comparison between the three authors have the advantage of elucidating points of intersection theoretical importance for language studies at the same time articulating different points of view without necessarily making them mutually opposite.

Keywords: language, immanentism, subject, enunciation

Em artigo, Stigar (2008) faz uma reflexão sobre a frase “traga-me uma chave estrela!”. Se uma frase é observada em uso, não convém falar de funções sintáticas das palavras ou de sua classificação gramatical, nem de quaisquer explicações metalinguísticas, quando o objetivo é compreender-lhe o significado. Para a frase acima não caberiam informações gramaticais como resposta. Do contrário, não haveria entendimento entre os sujeitos falantes, e o senhor

mecânico estaria em apuros. Informações metalinguísticas não resolveriam o problema, quando, na realidade, o mecânico necessitava mesmo era do auxílio de seu ajudante para consertar seu carro. Os sentidos, no caso, viriam dos contextos semântico e pragmático.

Pode-se falar em possíveis sentidos atribuíveis à frase.

Foi o único trecho do curto artigo de Stigar que nos chamou a atenção, o exemplo “da chave estrela”, o qual ele calcou de Gomes (1995, p. 26) sem, no entanto, citá-lo por completo nas referências.

É impressionante a multiplicidade de situações para as quais a linguagem está posta. Não basta uma relação entre palavra e coisa. No caso, a palavra teria função meramente mimética dentro de um enunciado, ou numa unidade comunicativa. A palavra, no entanto, recebe seus sentidos durante o seu emprego; a partir do uso que se faz dela. Até aqui, vimos falando como Wittgenstein.

Usamos acima o termo *sentidos atribuíveis à frase*, mas perguntamo-nos se se pode falar em sentidos atribuíveis à frase. Bakhtin (2003) não falaria em frase e sim em enunciado. Frase daria o sentido de trecho mumificado da língua; cadáver pronto a ser dissecado em estudos laboratoriais. Isso não quer dizer que Bakhtin não reconheça o lugar da linguística saussuriana nos estudos da linguagem, como se pode depreender de diversas passagens, principalmente naquelas cujas obras foram assinadas apenas por ele. Essa, porém, não é uma compreensão pacífica. De acordo com Flores & Teixeira (2005, p. 53),

diferentemente do que se pensava em *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL), nas obras em que a autoria não é compartilhada, Bakhtin tem uma relação positiva com a linguística, ou seja, institui sua teoria da linguagem sem invalidar a teoria saussuriana, embora não deixe de assinalar que ela é insuficiente para o estudo da comunicação verbal.

Citações do próprio Bakhtin também são feitas em várias passagens desses autores, as quais confirmam o que vimos afirmando, a exemplo do trecho: “Pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados [...]. Devem [as pesquisas] completar-se mutuamente e não fundir-se”¹.

Faraco (2003), comparando o que pensam Volochinov e Bakhtin a respeito do pensamento linguístico, também deixa transparecer a ideia de que este segundo filósofo não vira as costas para a linguística saussuriana. Para isso, cita a versão inglesa da obra bakhtiniana *O problema do texto* (p.120):

Assim, enquanto Bakhtin considera que o linguista está correto em abordar os elementos linguísticos no contexto fechado do sistema da língua, Volochinov critica precisamente o fato de o pensamento linguístico ter perdido, sem esperança, qualquer sentido do todo verbal (p. 93).

1 O trecho é uma citação de Flores & Teixeira (2005) a respeito da obra de Bakhtin *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997, p. 181), que não lemos durante a pesquisa que ensejou a escritura deste artigo por não ser escopo da questão abordada aqui.

Conforme Gregolin (2006), Pêcheux denuncia em Bakhtin uma leitura errada de Saussure tentando anular a dimensão da língua em detrimento do fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação e dos enunciadores. Mas Pêcheux toma como referência *Marxismo e filosofia da linguagem*, o qual é tido por alguns autores como sendo de autoria de Volochinov, a exemplo de Faraco (op.cit.).

Mas em Marxismo e filosofia da linguagem também é possível encontrar trechos que provam o reconhecimento da importância do estudo da linguística estrutural abstrata (o que prova nesta obra um tom dúbio), embora nesse caso não se possa fazer uma divisão, tornando as duas disciplinas claramente distintas uma da outra. Na passagem seguinte, observa-se claramente que o componente abstrato da língua não é ignorado para os autores de MFL:

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não: para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. (MFL. 2006, p. 95)

Levantar tais questionamentos requer passar inevitavelmente pela questão enfadonha da autoria dos textos publicados sob autoria inicialmente de Volochinov, mas que muitos atribuem a Bakhtin, a exemplo de MFL. É estranho, no entanto, que foi publicado no mesmo ano que *Problemas da poética de Dostoievski*, de autoria única de Bakhtin (1929). Perguntamo-nos se este autor teria publicado dois livros no mesmo ano. Ademais, MFL é uma obra que contém as ideias d'O Círculo, o que não quer dizer que sejam alheias à fonte bakhtiniana. É um livro que “poderia” ter sido escrito por qualquer um dos outros membros, já que conteria as ideias do Círculo, se é que podemos falar em ideias do Círculo.

Bakhtin trabalha com as noções de *dito* e *não-dito*. Sendo que a primeira é da ordem da língua e que a segunda é da ordem de seu exterior (exterior à língua), ou mais exatamente do contexto pragmático. Soaria destoante localizar Bakhtin numa perspectiva que visse o enunciado sem base linguística. Este também é o entendimento de Authiez-Revuz, a qual trabalha numa perspectiva semelhante:

Jacqueline Authiez-Revuz, (...) para fundamentar sua perspectiva de abordagem do sujeito, convoca o que chama de ‘a necessária referência preliminar a pontos de vista exteriores que fundamentam essa heterogeneidade constitutiva do discurso’ [...]: a psicanálise lacaniana e o dialogismo bakhtiniano (FLORES & TEIXEIRA, op.cit., p. 108).

Adam (1999, p. 88) também corrobora a visão dos autores citados referentemente ao ponto de vista de Bakhtin a respeito da linguística estrutural; da língua tal qual foi concebida por Saussure em seu *Cours de Linguistique General* (CLG):

(...) comme on l'a déjà vu plus haut, Bakhtine insiste sur l'étroite complémentarité de la langue et du discours: "Apprendre à parler c'est apprendre à structurer des énoncés (parce que nous parlons par énoncés et non par propositions isolées et, encore moins, bien entendu, par mots isolés). Le genres du discours organisent notre parole de la même façon que l'organisent les formes grammaticales (syntaxiques)².

Outros autores entram em cena para dizer o contrário do que vimos afirmando. Entre eles está Cardoso (2005, p. 24 e 25) o qual fala o tempo inteiro de uma oposição radical entre Bakhtin e Saussure, inclusive cita trechos de uma das obras de Bakhtin, mas não cita a obra compilada. Se a citação vier de MFL, onde de fato a linguística saussuriana é vista com um olhar muito cético, vamos cair na velha questão da autoria. Sendo Volochinov autor daquela obra, a ideia de uma oposição radical à linguística abstrata, sustentada por Bakhtin, não poderia ser válida.

Para Bakhtin, que foi filólogo³, o sujeito é um sujeito dialogal. Este e o Outro têm uma relação existencial de implicância mútua. Isto quer dizer que a existência de um depende da existência do outro. No entanto, nem o sujeito nem o diálogo têm a aceção corrente do ponto de vista do senso comum. Ambos compreendem noções mais complexas; não podem ser confundidos com o indivíduo e com o diálogo face a face imediatos que todos nós conhecemos/praticamos diariamente, embora façam parte de tais conceitos num sentido mais amplo. Ele não produz frases, mas enunciados (a não ser que ele seja um professor de português ou um escritor de livros didáticos de língua portuguesa). O sujeito participa da vida diária; das atividades que exerce e que vai descobrindo e participando por intermédio da palavra (da palavra?). A palavra, ou seja, o enunciado é responsivo-ativo. Isso quer dizer que não surge do nada, mas que é uma resposta, ao mesmo tempo em que demanda que aqueles a quem se dirige deem *feedback* de alguma forma. A ausência dessa responsividade ativa marca diferença clara entre Bakhtin e Vossler, para quem o sujeito é aquele de quem o dizer emana. Com outras palavras, seu enunciado não subentende outras vozes anteriores; e o Outro não têm que assumir atitude responsivo-ativa diante do que é dito. Flores & Teixeira (2005, p. 59) relativamente ao sujeito em Bakhtin, afirmam:

A consciência, considerada intersubjetividade, deve ser vista, na realidade comunicativa, porque só na comunicação efetiva é que o "eu" se reconhece como alteridade. Entretanto, o sujeito que aí tem lugar não é aquele da unilateralidade comunicativa, mas um sujeito

2 (...) Como já vimos acima, Bakhtin insiste na estreita complementaridade da linguagem e do discurso: "Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por propostas isoladas e menos ainda, claro, por palavras isoladas). Os gêneros discursivos organizam nossa fala da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). (Tradução nossa).

3 Essa informação encontra-se na capa (lado de trás) do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, 12ª ed.

que é dialogizado de modo interno porque constituído intersubjetivamente. Na teoria de Bakhtin, está colocada a impossibilidade de simetriação do sujeito, ou seja, a constituição subjetiva diz respeito a uma relação que não é de forma alguma aritmética. (...)

O dito em Vossler não subentende já-ditos, visto que parte de um sujeito senhor de sua própria fala. Linguistas educados nos princípios positivistas trataram Vossler com muita hostilidade. Seus escritos chegaram a ser tidos como intuitivos e anticientíficos. Se Vossler inovou na concepção de linguagem libertando-a do objetivismo abstrato, da concepção abstrata que a estatizava, não a libertou, no entanto, da prisão no indivíduo. É essa uma das críticas de Bakhtin a Vossler.

Antes, no entanto, de citar as críticas de Bakhtin a Vossler, vejamos o que críticos contemporâneos desse autor apontam em avaliação seus escritos, numa citação de Elia (1978, p. 16):

Numa época em que as teorias dos neogramáticos dominavam quase sem contraste, se excetuaram alguns nomes isolados, como o de Schuchardt, por exemplo, não é de admirar, conforme observa Iorgu Iordan na *Introdução à Linguística Românica*, que um autor então muito jovem tivesse encontrado, em vários círculos linguísticos, indignação, incredulidade e desprezo, e isso por haver ousado apelar para a intuição, como fator explicativo de fenômenos linguísticos, considerado à época mero fator subjetivo e, como tal, inteiramente anticientífico.

Em Bakhtin podemos ver que o indivíduo que faz uso da língua, apesar de ter boa margem de liberdade de formulação do seu dizer, contribuindo, assim, para o andamento da história e da “evolução” da língua, ele é assujeitado à medida que seu dizer só pode se dar dentro do que uma situação sócio-discursiva permite. Seus enunciados não partem de si-indivíduo, são apenas formulados; articulados, mas, na realidade, são respostas a enunciados anteriores; obedecem a formas relativamente estáveis (os gêneros) da respectiva atividade do contexto da produção.

As ideias deste último parágrafo são incompatíveis com o ideário da filologia. Mas nunca se viu falar que Bakhtin foi um desses que se contradizem em suas obras.

Bakhtin afasta-se de Vossler também no que diz respeito ao lugar da noção de estilo. Flores & Teixeira (op. cit., p. 55) atestam que

o contraponto de Bakhtin é, nesse texto (*Gêneros do discurso*, 1992), a exemplo de outros, a estilística. Desse ponto de vista, o autor propõe o estudo do estilo não mais em termos de oposição entre gênero e estilo, mas em termos de interação, isto é, as mudanças no estilo são inseparáveis das mudanças nos gêneros. Esse problema é explicitamente estudado na segunda parte do livro, quando Bakhtin elabora uma severa crítica à linguística do século XIX em função da supremacia atribuída ao locutor, que minimiza o papel do outro na produção do enunciado. (...)

Vossler atacou ferozmente o estudo de línguas mortas. Aliás, o estudo de línguas vivas como se fossem línguas mortas. Não estou falando do estudo do latim ou do grego clássicos, pois o estudo dessas línguas não é um estudo de línguas vivas como se fossem línguas mortas, mas um estudo de línguas mortas como realmente são: mortas.

Vossler afasta-se claramente do estruturalismo saussuriano pelo fato de este separar a língua da fala, valorizando apenas a primeira. Vossler centra-se na linguística da fala; valoriza-a; estuda-a. Isso traz consequências claras para a sua noção de sujeito.

O sujeito em Vossler é a fonte do seu dizer. Numa classificação bakhtiniana (volochinoviana), ele seria subjetivo-idealista, categoria que faz dicotomia com a corrente objetivo-abstrata. É a esse objetivismo abstrato que Vossler faz duras críticas. Vossler fica entre Saussure e Benedetto Croce⁴, seu mestre (ninguém inova por completo!). Ficou no meio do caminho com essa história de sujeito dono de seu dizer! Afastou-se de Saussure, mas sua teoria não abordou noções como as de sujeito e de língua de forma satisfatória para teorias como a bakhtiniana ou a pêcheutiana..

DO COTEJO

Vossler pertenceu à escola idealista de Munique. Colocou o indivíduo em primeiro plano privilegiando a função expressiva da linguagem. Sobre esta última função é importante a afirmação de Bakhtin (2003)⁵ que diz:

A despeito de toda a diferença na concepção dessa função por teóricos particulares, sua essência se resume à expressão do mundo individual do falante. A língua é deduzida da necessidade do homem de auto-expressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho se reduz à criação espiritual do indivíduo. (...) A linguagem é considerada do ponto de vista do falante como que de um falante sem relação necessária com outros participantes da comunicação discursiva. Se era levado em conta o papel do outro, era apenas como papel de ouvinte que apenas compreende passivamente o falante (p. 270).

As críticas apontadas por Bakhtin à Estilística vossleriana tem fundamento no fato de que o dialogismo não é levado em consideração nas produções textuais individuais, mas as falas e/ou textos produzidos pelo indivíduo insinuam-se particulares deste ente emissor de suas falas; de seus textos. Falta neste caso considerar que toda produção leva em consideração o outro; é um discurso para o outro; um discurso também limitado por outras falas prévias que lhe são determinantes.

4 Dados os limites deste artigo, não poderemos nos aprofundar em autores importantes como Benedetto Croce. Deixamos esta tarefa para o leitor interessado.

5 Esta citação de Bakhtin foi calcada em um trecho de Costa (2016).

Resumindo, Vossler

- deu a devida atenção aos fatores psíquicos da linguagem;

Concluiu que:

- A língua se faz de dentro para fora (linguagem, por conseguinte, é *ex-pressão*)
- A estilística passa a ser a verdadeira face da linguagem (a cada intuição corresponde uma forma particular de expressão)

A respeito de Wittgenstein, este autor escreveu dois principais livros: *Tractatus Logico-philosophicus* (1922), escrito quando jovem, em que tratou as palavras como indicadores ou símbolos das coisas no mundo. E *Investigações filosóficas* (1953), em que deixa claro que o significado das palavras não depende daquilo a que elas se referem, mas de como elas são usadas. Henriques (2008) acrescenta sobre autor que, antes de se dedicar à filosofia, Ludwig Wittgenstein foi matemático, músico, arquiteto, escultor, engenheiro mecânico, professor de liceu, soldado e aviador. Poderia ter prosseguido com sucesso qualquer destas carreiras. Antes de chegar a Cambridge - que lhe ofereceu um doutoramento à entrada - estava para ser aeronauta.

Em *Investigações filosóficas*, Wittgenstein, com a noção de jogos de linguagem, aproxima-se de Bakhtin ao valorizar a linguagem a partir do seu uso. Nesta fase, afirma ser insatisfatório o seu *Tractatus*. Segundo D'Oliveira (1996), Wittgenstein abandona as ideias da sua primeira obra filosófica mais por uma questão de suas reflexões ali serem incapazes de elucidar todos os problemas da linguagem em virtude de resultarem de uma maneira “supersticiosa” de abordagem, do que por considerar suas primeiras reflexões pura e simplesmente como errôneas.

Bakhtin não concebe a linguagem fora de seu uso, muito menos como tendo um fim em si mesmo (neste ponto critica a abstração estruturalista que estuda a linguagem sem levar em consideração seu principal requisito de realização, o contexto sócio-histórico).

Wittgenstein, em seu segundo momento, sinaliza para a função prática da linguagem como sendo de extrema importância para o seu estudo, aproximando-se assim do filósofo russo. Nas palavras de D'Oliveira (op. cit., p.14),

a linguagem – diz o “segundo Wittgenstein” – funciona em seus usos, não cabendo, portanto, indagar sobre os significados das palavras, mas sobre suas funções práticas. Estas são múltiplas e variadas, constituindo múltiplas linguagens que são verdadeiramente formas de vida. Em outros termos, poder-se-ia dizer que o corretamente chamado linguagem é, na verdade um conjunto de “jogos de linguagem”.

Pelo exposto pode-se ver claramente que Wittgenstein teve dois momentos opostos em seu pensamento, em que o segundo é quase que totalmente uma negação do primeiro. A partir da leitura de suas obras e de observações feitas por outros teóricos, é possível depreender que Wittgenstein ouvia com atenção o discurso humano e analisava-o incessantemente. Concluiu, a partir daí, que a linguagem, decididamente, era um jogo que o ser humano aprendera (*Investigações*). Afirmou que

- “Os limites da minha linguagem são o meu mundo.” O que não podemos dizer não podemos conhecer; “sobre o que não conseguimos falar, devemos silenciar” (*Tractatus*)
- A linguagem é um tipo de jogo, um conjunto de peças ou “equipamentos” (palavras) que são usadas de acordo com um conjunto de regras (convenções linguísticas). (*Investigações*)
- O conhecimento não consiste em descobrir (ou inventar) alguma “realidade” que corresponda ao que falamos, mas sim em estudar o modo como a fala funciona. (*Investigações*)

Quando Wittgenstein retornou à filosofia em 1929, após um período de quase que total abandono da filosofia, trouxe a mensagem de que os métodos da lógica pura não podiam dar conta dos problemas filosóficos; é uma crítica aos seus próprios escritos, os quais lhe renderam a tese de doutorado. Onde antes se tinha mostrado a favor de regras lógicas explícitas, agora falava em jogos de linguagem. Propunha substituir os estreitos limites da teoria dos conjuntos pelo que chamou de retratos familiares:

(...) não há, para Wittgenstein, uma única função comum das expressões da linguagem, nem mesmo algo que possa ser considerado como o jogo de linguagem. O que se pode dizer que existe são certas semelhanças, ou, nas, palavras do próprio Wittgenstein, certo ‘ar de família’, certos parentescos que se combinam, se entrecruzam, se permutam (D’OLIVEIRA, 1996, p. 14).

Wittgenstein, antes de filósofo da linguagem, é um filósofo em sentido amplo e pode ser estudado por pesquisadores de várias áreas. Numa avaliação interessante, Henriques (s/d), citado anteriormente, afirma:

Não foi decerto o maior filósofo do século XX, mas foi talvez o mais significativo. Fundou (inadvertidamente) e repudiou (com veemência) dois sistemas filosóficos. Quando morreu estava à beira de algo mais - nunca saberemos o quê. No final do seu primeiro livro, o *Tractatus Logico-Philosophicus* completado num campo de prisioneiros durante a primeira grande guerra, escreveu o seguinte: “as minhas afirmações são elucidativas do seguinte modo: quem me compreender acabará eventualmente por considerá-las absurdas, à medida que as utilizar como degraus para ascender além delas”. E no prefácio do seu outro grande livro *Investigações Filosóficas* lê-se isto: “Não é impossível que, na pobreza e escuridão do nosso tempo, caiba a este livro trazer luz a uma ou outra mente - mas claro que é muito pouco provável”.

Entre os seus haveres foi encontrada uma caixa com tiras de papel - Zettel - com um pensamento escrito em cada uma. Talvez um dia seja possível conjecturar a ordem em que foram escritas. “Mas claro que é muito pouco provável”.

E, encerrando provisoriamente nossa reflexão sobre Wittgenstein, releva pincelar que o trecho (a partir de introdução feita por D’OLIVEIRA, 1996, p. 14, citado acima)⁶ que confirma

⁶ O livro introduzido por D’Oliveira citado aqui faz parte da coleção Os Pensadores é o livro *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, uma obra da Nova Cultural citado na íntegra no item bibliografia.

uma aproximação, *mutatis mutandis*, de Wittgenstein (o segundo) a Bakhtin reflete um pouco do que vem acontecendo com muitos pensadores educados segundo o positivismo. Separar a pesquisa em ciências da natureza das pesquisas humanas faz-se necessário, dada a dinamicidade do espírito, a opacidade do discurso produzido pela linguagem e os limites dos nossos sentidos quando da percepção dos fenômenos. Wittgenstein percebeu isso claramente ao observar a linguagem e afirmou que a metafísica deveria ser substituída pela atitude prática; sem ela a linguagem esvaziar-se-ia de sentido.

CONCLUSÃO

Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006) classifica os estudos da linguagem, como já informamos anteriormente, em duas correntes: o **objetivismo abstrato** e o **subjetivismo individualista**. Vossler e Wittgenstein (em sua segunda fase) se afastam da primeira corrente, por contemplar a linguagem a partir do seu uso.

Vossler é individual-subjetivista, visto que valoriza a linguística da fala (contrariamente a Saussure), enquanto que Wittgenstein, inicialmente abstrato objetivista, muda de posição, mas não pode ser classificado como linguista da fala (e nem mesmo como linguista), mas sim como um filósofo que, concernente à questão da linguagem, aproxima-se de Bakhtin, por considerar a linguagem numa perspectiva mais interacionista (segunda fase).

Podemos concluir dizendo que a linguística faz um caminho *sui generis* na sua trajetória teórica (como se observa a partir da leitura dos autores citados), afastando-se do positivismo para conquistar seu lugar de ciência junto à área humana. E assim, contribuindo para um novo conceito de ciência, o qual não retira do seu objeto de estudo o elemento humano. É dele que se compõe a linguagem. E é a partir da linguagem que se trabalham todos os outros objetos da ciência.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Éditions Nathan/Her, 1999.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CARDOSO, Silvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- COSTA, Valmir Nunes. *Gêneros discursivos e letramento*. Jundiaí: Paco, 2016.
- ELIA, Silvio. *Orientações da linguística moderna* (Linguística e filologia). Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

FLORES, Valdir do Nascimento & TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin e outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

HENRIQUES, Mendo Castro. *Um estranho Wittgenstein*. In: <http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=46>. Acessado em 15/10/08.

STIGAR, Robson. *A filosofia da linguagem em Wittgenstein*. In: webartigos.com, acessado no dia 21/09/2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.